

# Espaço cemiterial como patrimônio e atrativo turístico

Charlene Brum Del Puerto<sup>1</sup>  
Maria Luiza Cardinale Baptista<sup>2</sup>  
Dalila Müller<sup>3</sup>

## Resumo:

Este trabalho aborda o espaço cemiterial como um patrimônio, considerando o modo como a sociedade compreende a morte e a influência dessa percepção como fator de desterritorialização e potencialização do Turismo. O artigo associa pesquisa realizada, como iniciação científica, na Universidade Federal de Pelotas, às novas percepções, desenvolvidas a partir de pesquisa no Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, sobre a mesma temática: o turismo cemiterial. O referencial teórico corresponde às concepções de espaços cemiteriais, através dos autores Ana Cabanas e Fábio Ricci (2008), Séverine Fargette Vissière (2013) e Maria Aparecida Borges de Barros (2005); noção de patrimônio, conforme o IPHAN (2014). Quanto à percepção sobre a morte, a ótica é de Roberto da Matta (1991) e Edgar Morin (2002). Para a arquitetura e arte tumular, tem-se Maria Elizia Borges (2002) e Clarival do Prado Valladares (1971), e para o turismo, o conceito de Marutschka Moesch (2002). As duas pesquisas têm o viés qualitativo, com pesquisa bibliográfica e abordagem histórica da temática. Os resultados dos estudos demonstram o espaço cemiterial como espaço potencial de preservação do patrimônio histórico e de constituição de atrativo turístico; as transformações que ocorreram na forma de perceber a morte e expressar o luto, bem como as alterações no modo com que se compreende e se utiliza o cemitério, apontando-o como um potencial nicho de mercado para a atividade turística.

**Palavras-chave:** Cemitério. Patrimônio. Morte. Luto. Turismo.

## Introdução

Este artigo considera dados da pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Turismo (2013), na Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPEL) juntamente com novos estudos, iniciados no Mestrado em Turismo (2014) da Universidade de Caxias do

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. charlenedelpuerto@bol.com.br.

<sup>2</sup> Jornalista, pela UFRGS, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Mestrado em Turismo da UCS (BRASIL). Pesquisadora com apoio CNPq. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Diretora da empresa Pazza Comunicazione, de Porto Alegre (BRASIL). malu@pazza.com.br.

<sup>3</sup> Socióloga pela UFPel, Mestre em Turismo pela UCS; Doutora em História pela UNISINOS; Professora adjunto - Faculdade de Administração e de Turismo - UFPel

Sul/RS (UCS), acerca do espaço cemiterial como atrativo turístico. O trabalho tem por finalidade demonstrar a potencialidade do cemitério para a atividade turística.

Inicialmente é feita uma contextualização do turismo cemiterial. Após, é abordada a historicidade dos cemitérios, com seus distintos usos ao longo do tempo. Percebido como monumentos bem como um bem patrimonial através de legislações e de tombamentos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o cemitério é legitimado como um patrimônio, através de ações de salvaguarda. É abordado ainda, como a sociedade compreende a temática fúnebre sobre a perspectiva do luto e da morte na atualidade. Após, são expostos os resultados da pesquisa feita na UFPEL e associados aos novos estudos, realizados no mestrado.

Geralmente o espaço cemiterial está associado à perda, tristeza e saudade. No entanto esse local de reverência aos mortos pode desenvolver atividades distintas, como, por exemplo, o turismo. Esse ambiente de utilização pública apesar de ser temido, também desperta admiração. Percebidas como um grandioso museu, as necrópoles são interessantes lugares para um turismo educativo que contempla cultura, memória, identidade e arte, entre tantos outros significados da vida social.

Ao ultrapassar tabus e preconceitos encontra-se na necrópole uma potencialidade, um lugar com relevância histórico-social, que reúne arquitetura, celebridades e iconografias que exaltam os costumes locais. Nesse sentido o cemitério passa a ser um dos arquivos de registros mais relevante de uma cidade. A exploração desse local por meio do turismo visa exaltar a cultura e retomar a história, refazendo memórias esquecidas ou desconhecidas pelas novas gerações.

Ressignificar o cemitério através da atividade turística proporciona outras formas de percepção do espaço cemiterial e do mercado turístico. O turismo nas necrópoles surge como um nicho de mercado para aqueles turistas que buscam experiências, a partir das quais possam vivenciar e/ou entender a lógica do outro.

Sendo assim, este trabalho busca sinalizar algumas considerações sobre a temática da morte (cemitério, arte tumular, luto, entre outros), para tentar compreender como a sociedade se comporta atualmente frente à utilização do espaço cemiterial e para demonstrar o potencial turístico existente nas necrópoles.

## **Potencialização do Turismo Cemiterial**

Antes de contextualizar o turismo cemiterial é significativo expor o conceito de turismo sob a visão de Moesch, que corrobora com a prática da atividade turística nas necrópoles.

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta

dinâmica sócio cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade [...]. (MOESCH, 2002, p.9)

Por ser uma atividade dinâmica, o turismo não se restringe a locais pré-determinados. Por esse motivo, o cemitério também é tido com um produto turístico, principalmente quando apresenta túmulos de personalidades e um acervo histórico-arquitetônico. A utilização dos cemitérios para atividades de lazer não é recente. Diz respeito a um longo período da história da humanidade, em sua relação com a morte, de estabelecimento de cultos e representações.

Para a atividade turística, Queiroz (2007) afirma que houve um aumento na procura pelo espaço cemiterial, a partir década de 1990. O autor relata eventos sobre as necrópoles realizados em alguns países, como o Congresso Internacional sobre Cemitérios Contemporâneos em Sevilha (1992), o primeiro Simpósio Internacional de Arte Cemiterial, em Wroclaw Polónia (1993) e a criação da *Association of Significant Cemeteries in Europe* (ASCE) (2001), que visa promover o turismo em rede.

A potencialização do turismo cemiterial pode ser percebida, por meio de uma busca de sites especializados em turismo, seja de agências turísticas, blogues de viagens ou blogues especializados em cemitérios/turismo cemiterial. As ofertas vão se multiplicando, assim como os relatos de visitas às necrópoles, com destaques para a valorização de diversos aspectos a serem conhecidos pelos turistas.

Para exemplificar a comercialização turística de locais que remetem à morte, tem-se o ossuário de Sedlec, na República Tcheca; o campo de concentração Dachau, na Alemanha, ou Auschwitz e Birkenau, na Polónia; as pirâmides do Egito; o Taj Mahall, na Índia; o Arco do Triunfo, em Paris; a Igreja de Santa Engrácia, em Portugal; os panteões Greco Romanos e, também, “El dia de los muertos” no México, evento que reúne turistas de diversos locais. Alguns dos cemitérios mais conhecidos pela utilização na visita turística são: Père Lachaise/Paris, Staglieno/Itália, Săpânța/Romênia, Arlington, nos Estados Unidos, La Recoleta na Argentina, Cemitério Judeu de Praga/República Checa. No Brasil, destacam-se: o cemitério da Consolação e Araçá, situados na cidade de São Paulo, e o Cemitério São João Batista, localizado no Rio de Janeiro.<sup>4</sup>

É interessante, neste sentido, a afirmação de Afonso (2010, p. 16) “[...] percebe-se que o uso do espaço cemiterial apresentado de forma diferenciada, fugindo da função para o qual foi concebido, retira a intencionalidade dada na criação do cemitério e cria uma nova forma de lazer, escapando do lazer mercadoria [...]”.

Os conceitos e expressões relacionados ao espaço cemiterial e turismo são diversos. Hahne (2010, p. 37) cita: “[...] turismo mórbido, também conhecido como turismo negro, turismo sombrio, turismo necrófilo, turismo inusitado, turismo macabro, turismo de *fait divers*, entre outras denominações”. Barbosa (2009) aponta ainda a expressão “Turismo de excentricidade”, que engloba a atividade turística feita em locais que remetem à temática da morte.

---

<sup>4</sup> Os locais citados foram pesquisados em blogues de viagens, ou especializados em cemitérios/turismo cemiterial e em páginas online de agências de viagens: <http://www.rzturismo.com.br/blog>, <http://www.nosnomundo.com.br>, <http://www.360meridianos.com>, <http://www.revistadeviagem.net>, <http://morte-cemiterios.blogspot.com.br>.

Não há uma padronização das denominações, talvez por se tratar de uma área de pesquisa recente no turismo, uma área pouco explorada em termos conceituais. No entanto, é possível perceber que as denominações turísticas para essa atividade trazem a ideia de algo funesto. Vale ressaltar, porém, que não necessariamente um cemitério será utilizado para visitas com o interesse mórbido. A arte tumular, iconografia, arquitetura, história e personalidades ali sepultadas são os itens que mais motivam o turista a se deslocar até as necrópoles.

Existem associações que estudam o cemitério como um patrimônio e, também, como temática para o turismo. É o caso, por exemplo, da *Association of Significant Cemeteries in Europe (ASCE)*<sup>5</sup>, composta por organizações públicas e privadas que estudam os cemitérios como atrativos turísticos. Outra entidade nesse sentido é a *National Federation of Cemetery Friends*<sup>6</sup> no Reino Unido, criada em 1986 para conservação do patrimônio fúnebre (limpeza, restauro) da vida biológica existente no cemitério. Há ainda a *Chevrá Kadisha*<sup>7</sup>, uma associação dos cemitérios israelitas de São Paulo que presta assistência nos falecimentos, assim como o Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP)<sup>8</sup>, entre outras.

Pensar o turismo cemiterial, na estrutura atual, parece ser algo inovador; no entanto, as viagens com destinos às sepulturas não são recentes. Aquele que é considerado o primeiro guia turístico impresso da história surgiu no século XII e indicava aos peregrinos, o caminho do sepulcro do aposto Tiago, em Santiago de Compostela.

No ano de 1139, sob encomenda do Papa Calixto II, o sacerdote francês Aymeric Picaud escreveu o primeiro guia de acesso a Santiago, o "Códex Calixtinus", descrevendo todos os passos do trajeto à cidade Santa, sendo considerado o primeiro guia de turismo da história, pois descrevia detalhes como, os costumes, os lugares, as pessoas, paisagens, comidas, hospitais.<sup>9</sup>

Não há motivos para que não ocorra a atividade turística nesse local, se pensarmos que o cemitério é também um lugar de urbanidade, de cidadania e cultura. Esse turismo apresenta-se crescente e escapa da lógica dos destinos massivos. São experiências significativas, pelo fato de o turismo cemiterial envolver arte, cultura, história e memória. Trata-se de uma possibilidade de troca de bens simbólicos em um cenário que é multidisciplinar e educativo.

---

<sup>5</sup> <http://www.significantcemetaries.org/>

<sup>6</sup> <http://cemeteryfriends.org.uk/Home.php>

<sup>7</sup> [www.chevrakadisha.org.br](http://www.chevrakadisha.org.br)

<sup>8</sup> [www.sincep.com.br](http://www.sincep.com.br)

<sup>9</sup> [http://www.transiberica.com.br/hp\\_espanha/espanha1a.html](http://www.transiberica.com.br/hp_espanha/espanha1a.html)

## O espaço cemiterial e patrimônio

As primeiras civilizações já demonstravam preocupação com seus mortos. Hipólito (2011) explica que a evolução nos sepultamentos perpassa das cavernas até as sepulturas propositalmente construídas. Para o autor, as civilizações greco-romanas iniciaram a preservação da memória do morto ao desenvolver o hábito de transcreverem nas lápides e colocar flores para os falecidos.

Já a tendência dos sepultamentos nas proximidades dos lugares sagrados, como igrejas e tumbas sagradas, na expectativa da ressurreição dos corpos no juízo final, surge com a cristianização da sociedade (VISSIÈRE, 2013, s/p). O período medieval também foi um marco importante para a construção do espaço cemiterial, no formato como é construído ainda hoje: um espaço quadrangular, fechado e sagrado no terreno da igreja. “Com isso, a morada dos mortos passou a ser o centro das cidades e aldeias, num estreito convívio com os vivos” (VISSIÈRE, 2013, s/p).

Nesse período, a necrópole (entendida como a cidade dos mortos) era também um espaço de cidadania em que, além de sepultamentos, ocorriam contratos matrimoniais, danças, comércio de alimentos, feiras, sacramentos e julgamentos (VISSIÈRE, 2013, s/p). Como ressalta o autor, contudo, no fim da era medieval, essas e outras ações foram proibidas pela igreja Romana, transformando a utilização das necrópoles. O cemitério como um lugar silencioso, cercado por muros e reservado rigorosamente aos defuntos, surgiu no século XIX (VISSIÈRE, 2013, s/p).

Rocha (2005) expõe que os cemitérios eram uma tentativa de controle da população e da vida urbana, e também, necessários devido às questões sanitárias. Para a autora, as leis sanitárias foram regulamentadas conforme os padrões europeus. Vovelle (1997, p. 352) afirma que: [na Europa] “[...] somente em 1851 o Interment Act (Lei Funerária) proibiu o sepultamento no interior das igrejas”. Cabe ressaltar também que o crescimento populacional contribuiu para a construção das necrópoles.

Há, no entanto, uma incongruência nas datas já que no Brasil, segundo Borges, (2001, p. 10), em 1789 D. Maria de Portugal recomenda a construção de cemitérios, mas a obrigatoriedade só ocorreu com a lei promulgada por D. Pedro I em 1828.

Conforme Valladares (1971) a transferência do local de sepultamento ultrapassa as questões higiênicas. Para o autor a arquitetura funerária erigida nas necrópoles foi construída para que a burguesia pudesse ostentar seus gostos.

Não foi somente uma questão do ponto-de-vista higiênico, ou seja, uma razão metade empírica e metade científica, da sociedade oitocentista; se apenas por isso acontecesse, os cemitérios católicos em descampados teriam permanecido sóbrios, padronizados, como os que se erigiram para as irmandades, em mausoléus coletivos, ou como os de outras religiões. (VALLADARES, 1971, p. 279)

Ao transferir os sepultamentos das igrejas e de seu entorno, muitos foram os conflitos. Um deles foi a Cemiterada ocorrida em Salvador/Bahia organizadas por entidades religiosas, as quais tinham os sepultamentos como uma de suas principais funções (ROCHA, 2005, p.43).

Na segunda metade do século XIX a arte fúnebre aumentou, pois, “os cemitérios se multiplicaram, as marmorarias expandiram-se e os marmoristas italianos chegaram” (BORGES, 2010, p. 74). No entanto, com o fim das marmorarias nos anos de 1940, aliado aos fatores socioeconômicos, religiosos, políticos e às novas formas de destinação dos corpos, a produção de arte fúnebre foi diminuindo. (BORGES, 2002).

O pouco de arte tumular existente nos cemitérios encontra-se descaracterizado ou alterado, pois há um distanciamento nas relações das gerações atuais com o morto. Sobre isso Borges (2002, p.120) afirma:

[...] a relação entre o morto e seus descendentes sobreviventes vai-se esvaecendo aos poucos, alcançando, quando muito, a terceira geração ascendente. Hoje os túmulos do século XIX encontram-se nas mãos dessa geração, daí estarem eles descaracterizados e/ou em estado sofrível.

Frente a essas alterações, faz-se necessário preservar o cemitério como um patrimônio histórico-cultural, devido à diversidade de bens. A memória e história existentes na necrópole compõem uma multiplicidade de saberes que estão se perdendo e, por isso, necessitam de salvaguarda. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o patrimônio material é entendido também como um bem cultural, no qual corresponde ao que um cemitério representa. Segundo o IPHAN, o patrimônio material pode ser entendido como:

[...] um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN, 2014)

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), segundo Castro (2008), aborda os cemitérios e itens funerários como um bem patrimonial.

[...] já existem desde a década de 1930 tombamentos específicos de cemitérios ou de partes de conjuntos funerários como, por exemplo, túmulos, estátuas funerárias e portões de entrada, realizados por este órgão. São elementos que formam o patrimônio funerário brasileiro, entendido no contexto desta análise, como conjunto de elementos materiais e imateriais presentes em locais de sepultamentos ou cemitérios. (CASTRO, 2008, p. 2)

Como exemplo de elementos funerários tombados pelo IPHAN, temos: Cemitério do

Batalhão – Campo Maior/Piauí, Cemitério de Mucugê/BA, Cemitério dos Jesuítas – Porto Seguro/BA, Incrições tumulares da Igreja de Vitória – Salvador/BA, Mausoléu da família do Barão de Cajaíba, Salvador/BA, Cemitério dos Protestantes – Joinville/SC, entre outros.

Adler (2008 apud CASTRO, 2008), no entanto, relata que os cemitérios tombados pelo IPHAN estavam desativados. Para os cemitérios ainda ativos, haveria problemas na negociação com os proprietários dos túmulos, já que os itens originais da sepultura não devem ser alterados, para que seja preservada sua relevância artística e histórica, preservando assim a memória de uma sociedade.

Além do IPHAN existem outros instrumentos legais que concebem os cemitérios como um patrimônio. A Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, no seu artigo 2º dispõe nas alíneas “a” e “c”:

Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;<sup>10</sup>

Essas medidas legais de salvaguarda auxiliam para manter viva a memória social do morto, muitas vezes registrada no conteúdo estético ou iconográfico explícito na arte tumular. Desse modo, podem-se considerar os cemitérios, como uma representação simbólica do universo social dos vivos através de sua arte, a qual visa perpetuar a imagem do morto. O valor artístico está presente na ornamentação ou na função representativa destes espaços de memória, pois os padrões das cidades também foram reproduzidos nos cemitérios.

Os adornos colocados nos túmulos fazem parte da cultura humana desde os primórdios, pela necessidade que o homem tem de manter viva a imagem do seu semelhante morto e, no caso das pessoas mais abastadas, a necessidade de monumentalizar-se perante a comunidade, ou seja, eternizar a sua posição de destaque perante a sociedade do qual fazia parte. (OLIVEIRA et al, 2004, p. 1120)

---

<sup>10</sup> Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Recuperado em 2, junho, 2014 de [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

Por toda sua simbologia e por representar a memória individual e coletiva, o cemitério fornece subsídios reais para que seja entendido como um patrimônio. Sendo um lugar de memória seus signos dialogam com a vida e a morte, o que os torna um lugar importante como registro histórico da cidade. É um local de morte, porém com uma história viva.

Refletir sobre os cemitérios como um patrimônio deve abranger a comunidade juntamente com normativas e políticas de salvaguarda de modo a redirecionar ações para a manutenção dos bens fúnebres, pois não é possível pensar o patrimônio de forma isolada. Propor as necrópoles como patrimônio é algo complexo por abranger grupos com interesses distintos por isso é necessário entender como a comunidade percebe o cemitério, no seu contexto presente, já que mesmo em um lugar de morte, os símbolos são estabelecidos e reproduzidos pelos vivos.

Esta relação com a comunidade e a forma como esta se comporta diante do luto e da morte, são alguns determinantes, para que o turismo utilize a necrópole nas suas atividades. Sobre os cemitérios, Cabanas e Ricci (2008, p. 378) afirmam que “[...] a necrópole é lugar de fé, crença, arte, simbologia, arquitetura e poesia que retrata religião, cultura e economia local; patrimônio cultural visualizado como um museu a céu-aberto da história regional”.

### **O modo como a sociedade compreende a morte**

A discussão sobre a morte e tudo que a envolve não é atual. Ela foi debatida por inúmeras áreas por não pertencer a uma categoria específica. Médicos, historiadores, psicólogos, filósofos, antropólogos, cientistas sociais, entre outros, discutem o assunto ao longo dos tempos. Isso demonstra que além do seu caráter biológico, a morte é um fenômeno psíquico e sociocultural, devendo ser estudado de modo científico e não apenas mítico. Conforme Morin (2002, p. 47) “Ritos, funerais, enterros, cremações embalsamentos, cultos, túmulos, rezas, religiões, salvação, inferno, paraíso, marcarão as culturas e os indivíduos”.

O desejo pela vida traz uma espécie de luta e de negação ao próprio destino: a morte. Essa realidade muito alimentada pelas artes (literatura, filme, música, pinturas) e às vezes distorcida pela mídia é cada vez mais postergada no pensamento como um fato real e inevitável. É a certeza do fim da vida que faz com que o homem tente superar a morte e para isso o ser humano constrói projeções vivendo como se ela não fosse uma realidade concreta.

As novas concepções de sociedade interferem no modo de sentir, pensar e manifestar a morte e conseqüentemente, no modo em que se vivencia o luto. DaMatta (1991) expõe que o luto não é mais coletivo, mas sim isolado. “É esse contexto de individualismo, como o princípio básico da vida social, que faz com que a morte apareça como um problema (DAMATTA, 1991, pg. 145)”.

A morte tornou-se um tabu em uma sociedade que mantém distância em suas relações pessoais. O modo superficial como ocorrem algumas dessas relações impacta



também o modo como o homem lida com sua finitude nos dias atuais. Ela ao mesmo tempo fascina, enquanto um mistério, e atormenta enquanto realidade. Talvez por essa ambivalência, tenha sido colocada em um segundo plano de importância e significação, em uma sociedade que se apresenta complexa e utiliza inúmeras facetas para negar sua única certeza. Nessa perspectiva, as manifestações de luto são suprimidas, voltadas ao isolamento e a não exposição da dor.

A morte humana comporta uma consciência da morte como um buraco negro onde se aniquila o indivíduo. Comporta ao mesmo tempo, uma recusa desse desaparecimento que se exprime, desde a pré-história, nos mitos e ritos da sobrevivência do duplo (fantasma) ou nos do renascimento num ser novo. (MORIN, 2002, pg.46)

A finitude, tão temerosa, poderia ser uma forma de o ser humano pensar sobre sua própria existência, no entanto as concepções atuais sobre a morte se contrapõem à vida. Morte e vida, mesmo que intimamente ligadas, são vistas como antíteses, como dualidades opostas. O mundo na atualidade é entendido como algo que possa existir na medida em que o ser humano possa representá-lo. Ele se observa como um sujeito de referência para o mundo e não ao contrário. Essa separação faz com que o homem se depare com sua maior fragilidade, a morte, a qual é tida apenas como perda e não como ganho.

A separação definitiva, a ideia de “nunca mais”, talvez seja o fator que mais inquiete o ser humano. No entanto, quando estamos mais preparados para o momento da perda e também, conscientes sobre nossa morte, o sentimento sobre a finitude pode adquirir outras proporções que ultrapassam o mistério e o medo. Assim sendo, o luto, a morte, os ritos fúnebres e o cemitério, por exemplo, ganham outras funções e percepções. Os ritos contribuem para o desligamento entre o morto e o vivo, pois se torna difícil aceitar a eterna ausência de um ente, sem o processo de luto.

Ao observamos o cemitério distante seu caráter mórbido, são muitas as possibilidades de interpretações. Talvez a própria atividade de turismo cemiterial seja um modo, mesmo que inconsciente, de negar a finitude, de suprimir a certeza do fim da vida. Ou até mesmo de refletir sobre o próprio fim, ao contemplar a arquitetura e arte tumular junto a outras lógicas filosóficas e/ou religiosas. Para Morin, (2002, p. 47) [...] “essa contradição torna-se, ao mesmo tempo, a fonte mais profunda da mitologia humana e suscitará os exorcismos mágicos, religiosos, filosóficos, contra a morte”.

### **Aproximações com a temática: iniciação científica na graduação**

As percepções sobre cemitérios, turismo cemiterial, morte e luto, feitas até o momento são resultados dos estudos para o trabalho de mestrado em turismo, dando sequência à pesquisa feita para o trabalho de monografia, realizado em 2013.

A pesquisa feita para a monografia, sobre a temática do turismo cemiterial, tinha como objetivo verificar, a partir de seus frequentadores e dos moradores da cidade de

Pelotas/RS, a potencialidade e a viabilidade do Quadro Velho do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula (fundado em 1855), ser um atrativo turístico na cidade. Foi escolhida essa área, que pertence à Santa Casa de Misericórdia da cidade, por ser a mais antiga da necrópole, na qual apresenta um significativo acervo histórico e arquitetônico com arte tumular e iconografias, bem como personalidades ali sepultadas.

De caráter qualitativo, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica e pesquisa de campo em três momentos distintos: em um local distante da área de analisada (realizada em julho de 2012), na área de interesse em data comemorativa (no dia 02 de novembro de 2012) e na área de interesse em data não comemorativa (segunda quinzena de agosto de 2013). A pesquisa teve a participação de 56 pessoas de ambos os sexos, com idades entre 23 e 74 anos que responderam a oito questões.

O primeiro grupo (pesquisado fora do Quadro Velho) teve a participação de 12 sujeitos, sendo oito do sexo feminino com idade entre 38 e 55 anos e quatro do sexo masculino com idades entre 23 e 47 anos. Todos naturais da cidade de Pelotas. Esses participantes, em sua maioria, relataram que vão a cemitérios apenas quando há falecimento e que consideram a presença nos sepultamentos como uma imposição social. A minoria relatou ir ao local para realizar manutenção ou limpeza da sepultura e/ou visitar os falecidos.

Infere-se que esse grupo, o qual tem uma faixa etária mais jovem, não herdou o hábito de visitar os cemitérios e não possui o costume de manter a memória do falecido através de visitas às sepulturas. No entanto, três participantes, relataram ter visitado um cemitério para a prática de turismo. Os locais visitados foram: La Recoleta/Argentina, Cemitério da Colônia de Pelotas e um cemitério do Rio de Janeiro (o participante não lembrou o nome da necrópole visitada).

Quando indagados sobre o que mais desperta a atenção em uma necrópole, os itens citados foram as lápides e obras tumulares (os termos utilizados foram: esculturas, obras antigas, anjos, bem como a expressão, “modelo dos túmulos”) seguidos de fotografias e sobrenome das famílias. A sepultura de crianças foi citada por um dos participantes, como algo desagradável de ser visto, pois conforme ele, apenas os idosos deveriam falecer. Também foi mencionado o descaso como fator que mais desperta a atenção.

A maior parte dos participantes deste primeiro grupo percebe a arte cemiterial como um possível atrativo turístico, e alegam que o Quadro Velho é um relevante local para a atividade por estar relacionado com a história da cidade. Mesmo afirmando que o local é um lugar de memória, e mesmo que alguns integrantes tenham realizado turismo cemiterial, o grupo afirma que não o realizaria por relatarem roteiros mais interessantes. No entanto, afirmam que aquele espaço cemiterial tem potencial para a prática da atividade turística.

Outro participante relatou que turismo é vida e que não é isso que percebe nos cemitérios, porém afirma que a necrópole é um lugar para que os vivos mantenham as lembranças do falecido sendo necessária a conservação do lugar. Uma das participantes não faria turismo no Quadro Velho, pois entende que ali é um local para cultuar os mortos, hábito que não faz parte de sua rotina.

O segundo grupo participou da pesquisa realizada no local, no dia 02 de novembro de 2012 (Finados). Nesse grupo participaram 22 sujeitos com idades entre 17 e 74 anos, sendo 14 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Dos participantes, três eram naturais de Pelotas, um de Turuçu, um de São Lourenço, um de Herval, um de Jaguarão e um de Morro Redondo.

Diferente do primeiro grupo pesquisado, este costuma frequentar o cemitério para limpeza e manutenção, a trabalho (funcionário do asilo municipal), homenagens aos parentes e amigos inumados, bem como, visitar à cigana Terena, a qual é atribuída muitos milagres. Este grupo demonstrou mais proximidade com o cemitério, pois costuma frequentar o local em diversas datas e entende o velório como um ato solidário e não como uma obrigação moral, conforme relatado pelo primeiro grupo.

A maior parte deste grupo não costuma passear atualmente em cemitérios sem motivação aparente, porém seus integrantes relataram passear nas necrópoles durante a infância com os familiares. Logo, as sepulturas recebiam maior manutenção, fazendo com que haja uma relativa conservação das obras e da memória do falecido.

Para estes participantes a arquitetura, a arte tumular e as personalidades são os itens mais interessantes em uma necrópole. O túmulo da cigana Terena foi mencionado como um motivo para visitar o Quadro Velho por ter seu jazigo sempre florido e colorido. Em contrapartida a esse túmulo com características alegres, a tristeza também foi relatada como um fator que desperta a atenção, pois para alguns participantes, o lugar deveria ser mais colorido e animado.

Nesse grupo, a maioria dos participantes afirma que realizaria turismo cemiterial para apreciar a arte fúnebre, por considerar um passeio exótico e por trazer lembranças da infância. No entanto, como fator limitante foi relatado o ambiente inseguro, sujo, depredado e descaracterizado. Para uma possível visita, os participantes desejariam ver a arquitetura e arte tumular, desde que devidamente cuidadas e limpas, justamente com a história dos túmulos. Os que não participariam justificaram que a necrópole não é um local apropriado, pois os turistas podem não respeitar os mortos durante a visita. Nenhum dos respondentes deste grupo realizou visitas em cemitério como atividade turística.

A terceira etapa da pesquisa abrange os visitantes do Quadro Velho com dados coletados na segunda quinzena do mês de agosto de 2013 em dias alternados. No entanto, não foi autorizada pelo Consórcio Riograndense de Construção e Urbanismo (CORTEL) a coleta de dados dentro do cemitério. Por esse motivo, a pesquisa foi realizada em frente ao mesmo, na área externa conforme os participantes se retiravam do local. Foram coletados dados de 22 participantes sendo 16 mulheres com idades entre 22 e 74 anos, e seis homens com idades entre 31 a 61 anos. Uma participante era natural de Capão do Leão e os demais, da cidade de Pelotas.

A maior parte do grupo frequenta o cemitério para velório ou sepultamentos, bem como para limpeza e pintura dos túmulos. Poucos foram os participantes presentes em função de falecimento. As esculturas foram os componentes citados que mais despertam a atenção devido ao tamanho e à beleza.

Apesar de o terceiro grupo apresentar características muito semelhantes às do segundo, e de seus integrantes também afirmarem a possibilidade de praticar o turismo cemiterial, a maior parte deu destaque às características negativas, como o descaso e o abandono em que se encontra o local. O único túmulo tido como devidamente limpo, cuidado e com visitas constantes foi o da cigana Terena. A tristeza também foi citada devido ao fato de o lugar estar geralmente vazio e sombrio. Nesse grupo foi citada pela primeira vez, a Capela do Senhor do Bomfim, como algo belo e igualmente descaracterizado pelo vandalismo e pela falta de manutenção.

Os túmulos danificados e o lixo acumulado no Quadro Velho causaram surpresa aos entrevistados, por estarem na área das famílias com maior poder econômico. Os pesquisados observam, porém, que a riqueza adquirida no período de construção dos túmulos do Quadro Velho, não prosseguiu nas gerações seguintes, o que pode ser uma justificativa para os jazigos estarem abandonados. As práticas religiosas também foram sinalizadas, as oferendas de religiões de matriz africana foram apontadas nos túmulos, nas velas, no portão do cemitério e demais partes da necrópole. Para um dos declarantes, tais práticas são uma falta de respeito aos mortos.

O grupo em sua maioria, não costuma passear no cemitério, geralmente frequentando-o para velórios e sepultamentos. Um participante relatou visitar com frequência a cigana Terena, em função de sua devoção. Foi relatado pela maioria, o hábito que os pais tinham em passear nas necrópoles. Frente à possibilidade de turismo cemiterial, os participantes relataram que participariam, por considerarem um turismo diferente, exótico e por mostrar o teor histórico do local. Desejariam ver as obras de arte, costumes e história em um ambiente limpo e seguro. Um dos participantes considera o turismo nesse espaço, um ato de comercial da morte. Porém, não é a morte que é comercializada, mas sim o teor histórico e artístico do local.

Ao comparar os três grupos percebem-se diferenças e semelhanças no modo como entendem o espaço cemiterial. O primeiro grupo mostrou um distanciamento afetivo maior dos cemitérios ao relatar suas presenças em velório e visita aos falecidos como uma imposição social. Estes participantes não frequentavam o cemitério durante a infância e não costumam visitar os falecidos. Apenas esse grupo não realizaria turismo cemiterial

Já o segundo e terceiro grupos costumam visitar o cemitério com maior frequência e para atividades além dos sepultamentos, como datas celebrativas ou demais dias. Ambos realizariam o turismo em necrópoles, porém com motivações diferentes.

O segundo grupo aprova e realizaria o turismo cemiterial por entender que a atividade pode conservar o espaço de memória. Pelo fato de frequentarem o cemitério com a finalidade de passeios durante a infância, concebem o cemitério para fins que não sejam apenas velórios e sepultamentos.

O terceiro grupo frequenta o cemitério para velório ou sepultamentos, bem como para limpeza e pintura dos túmulos. Afirma a possibilidade de realizarem a prática de turismo em cemitério, porém ressaltaram mais os aspectos negativos que os positivos. A sujeira, depredação e o abandono em que se encontram as sepulturas no Quadro Velho são fatos que desmotivam as visitas.

Os três grupos relataram a arte e arquitetura tumular como item mais bonito e de maior interesse em um cemitério. Além disso, citaram também o túmulo da cigana Terena e demais personalidades ali sepultadas. Em contrapartida, expuseram que a sujeira, o descaso e o vandalismo contra os artigos funerários são prejudiciais para manter a memória das necrópoles. A depredação, os altos custos de manutenção, a falta de interesse público e privado, a falta de legislações que planejem o cemitério como um bem patrimonial, são alguns dos fatores que provocam a descaracterização do Quadro Velho, bem como, a perda e diminuição do acervo funerário.

A maioria dos 56 respondentes utiliza o cemitério apenas para velórios, sepultamentos e visitas a pessoas falecidas, porém afirma que o cemitério possa ser utilizado para outras atividades, o que inclui o turismo. Entender o cemitério além de suas

características mórbidas proporciona uma compreensão sobre como a sociedade conduziu seus costumes, sendo os seus adornos, sua arquitetura, iconografia e demais itens facilitadores para o entendimento social de um período.

### **Considerações Possíveis neste Ponto da ‘Viagem Investigativa’**

Como é possível observar, o texto retrata a confluência de duas pesquisas, em entrelaçamento com vários estudos dos autores aqui trazidos, como sustentação teórica. Nesse sentido, são trazidas discussões de uma pesquisa em andamento, em nível de Mestrado Acadêmico, e pistas oferecidas por uma pesquisa realizada, em nível de Iniciação Científica. O objeto empírico permanece, o que facilita, pela proximidade e conhecimento do lócus de pesquisa, a reflexão e a associação das temáticas inerentes. Neste texto, entrelaça-se a discussão do cemitério como patrimônio, o cemitério como atrativo turístico e a representação do cemitério e da morte para as pessoas, buscando obter pistas sobre esses entrelaçamentos. Trata-se de uma reflexão inicial, buscando ainda as conexões dos fios e sentidos, para a consolidação de uma pesquisa, em nível de mestrado. Nesse sentido, algumas considerações podem ser feitas, neste ponto da ‘viagem investigativa’, sem a pretensão de concluir.

Além do conjunto artístico e histórico existente nas necrópoles, a percepção da morte e do destino que se dá aos mortos auxilia para conceber o cemitério como um patrimônio e como um possível destino turístico. A relação da sociedade com a morte e seus múltiplos signos interfere no entendimento das necrópoles enquanto bem patrimonial e como um possível local turístico. Compreender o cemitério em sua complexidade e potencialidade representativa e expressiva, não apenas pela morte física, contribui para que o espaço, aparentemente ocioso, possa ser utilizado na atividade turística.

Suas distintas formas de uso ao longo do tempo, bem como sua arte tumular, demonstra como a sociedade conduz seus hábitos, o que o torna um lugar de memória com riquezas de fontes históricas e também artísticas, uma vez que seus jazigos e estatutária fúnebre são construções propositais da sociedade dos vivos. Nesse sentido, o cemitério pode ser considerado patrimônio por suas múltiplas linguagens, não havendo motivo aparente para que esse não seja utilizado na prática do turismo.

Apresentar o “estranho” como um produto possível de ser desfrutado na atividade turística gera tensão, uma vez que a morte parece ser um problema contemporâneo. Nessa sociedade contemporânea, somos mais educados para a vida, do que para a morte. A lógica parece ser sempre enaltecer a exuberância de vida e fazer disso variações de linhas de produtos a serem consumidos em larga escala. Vivemos sob as intempéries e consequências de uma sociedade que se esquece do valor da história, do patrimônio e da reflexão sobre a existência. Nesse sentido, deixa-se de valorizar aspectos do turismo com potencial para enriquecer o conhecimento e a vida dos sujeitos, que podem aprender com o passado e

desfrutar do contato com experiências estéticas que representam sociedades e culturas, semelhantes ou diferentes da sua.

Assim, vale ressaltar, estudar a relação entre patrimônio, turismo e cemitério torna-se relevante devido a pouca produção bibliográfica sobre o tema. Para pensar os cemitérios enquanto patrimônio se faz necessário compreender e vivenciar a morte em um sentido distinto do ambiente fúnebre.

Entender a necrópole além de seu significado lúgubre não é uma função fácil, pois para o senso comum, o local é carregado de preconceitos mórbidos. Os diferentes signos materiais, empregados nos conjuntos funerários e a organização espacial, por si só, são elementos suficientes para pensar o cemitério como um bem patrimonial, uma vez que a necrópole, local que inicialmente remete à morte, retrata como a sociedade entende a vida.

Nesse estudo foi possível perceber, ainda que de forma breve, como se vive o luto, e o modo como se concebe os espaços lúgubres com suas alterações, os quais permitem outras interpretações acerca da temática e dos locais fúnebres. O ser humano tem a liberdade para construir suas próprias representações da morte, no entanto, essa liberdade muitas vezes causa insegurança fazendo com que o indivíduo se distancie do cemitério e da temática da morte. A sociedade que antes percebia a morte de um modo mais natural, hoje a tem em uma situação marginal de vivência cotidiana. Isso ocorreu pela mudança nas relações pessoais, com grande tendência ao individualismo, e transformações socioculturais que buscam prorrogar a morte ou negá-la. Nesse sentido a morte torna-se paradoxal estando presente e ausente no indivíduo.

Quanto às pesquisas no turismo cemiterial percebem-se lacunas conceituais, com literaturas dispersas e com pouco conteúdo teórico, o que é compreensível quando se trata de uma nova área de mercado. Ainda assim é possível notar alguns ensaios teóricos sobre o tema na tentativa de definir em termos científicos o que significa e representa o turismo cemiterial.

Quanto ao patrimônio, mesmo que os cemitérios sejam entendidos legalmente como um bem a ser salvaguardado, não têm tido a atenção devida para a salvaguarda de seus bens fúnebres. A sociedade, necessária para a conservação, nem sempre entende o cemitério sobre a ótica patrimonial o que perpetua a ideia de ser um local apenas para se destinar os mortos. Por outro lado, percebe-se também que o espaço cemiterial é mencionado como um artigo relevante para a rememoração dos mortos e construção histórica de uma sociedade.

Essa dualidade sobre a necrópole pode ser entendida como uma maneira de os sujeitos representarem suas vivências, já que nesse espaço de morte também é retratada a vida. Sendo assim, o turismo nesses espaços torna-se uma ação mediadora sobre como lidar com a morte, já que nessa atividade, esse tema é apresentado de modo distinto.

## **REFERÊNCIAS:**

Afonso, L. R. G. (2010) Turismo Cemiterial: O cemitério como espaço de lazer. 2010. 48 f. Monografia (Curso de Turismo) – MG, Universidade Federal de Minas Gerais.

Agência de viagens Resgatado em: maio de 2014 de <http://www.rzturismo.com.br/blog>,

Associação de cemitérios europeus. Resgatado em 18 de junho de 2014 de <http://www.significantcemeteries.org/>

Associação do Cemitério Israelita de São Paulo Resgatado em: junho de 2013 de [www.chevrakadisha.org.br](http://www.chevrakadisha.org.br)

Blog sobre cemitério Resgatado em: maio de 2014 de <http://morte-cemiterios.blogspot.com.br>.

Borges, M. E. (2002) Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoraristas Italianos em Ribeirão Preto. MG, Editora C/ARTE.

Borges, M. E. (2001) Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS, SP. ANPAP.

Cabanas, A. Ricci, F. (2008) Turismo em necrópole: novos caminhos culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista. Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v. 10, n. 3, p. 378–398.

Castro, E. T. (2008) Cemitérios, nosso patrimônio nacional: ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 4., Goiânia p. 1- 9.

Damatta, R. (1991) A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Gunabara Koogan, 1991.

Federação Nacional dos Amigos do Cemitério da Ucrânia Resgatado em: junho de 2013 de <http://cemeteryfriends.org.uk/Home.php>

Hahne, L. C. (2010). Estudo sobre a aplicabilidade do turismo cemiterial em Curitiba. 2010. 163 f. Monografia (Curso de Turismo) – PR, Universidade Positivo.

Hlipólito, P. Uma breve história dos cemitérios. Resgatado em: 3 de Junho de 2013 de [http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#\\_ftn8](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#_ftn8) >.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Resgatado em 6 de junho de 2014 de [portal.iphan.gov.br](http://portal.iphan.gov.br).

Maria de L. de A. B. (2009). Turismo de excentricidades. in A. P. Netto, & M. G. dos Reis Ansarah (Eds.). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. São Paulo: Manole.

Moesch, M. M. (2002). A produção do saber turístico (2. ed.) . São Paulo: Contexto

Morin, E. (2002) O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Oliveira, E. C. R. de *et al.* (2005). Expressões através dos símbolos tumulares no cemitério municipal Padre Rodolfo Kumoreck da cidade de São José dos Campos. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 9., ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PB, Brasil.

Operadora de viagens Resgatado em 20 de junho de 2014 de <[http://www.transiberica.com.br/hp\\_espanha/espanha1a.html](http://www.transiberica.com.br/hp_espanha/espanha1a.html)>

Portal do Governo Federal Resgatado em 2 de junho de 2014 de [www.planalto.gov.br/ccivil](http://www.planalto.gov.br/ccivil)

Queiroz, F. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. Recuperado em 5 Maio de 2012 de <http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>

Sindicato dos Cemitérios e Crematórios particulares do Brasil Resgatado em: maio de 2013 de [www.sincep.com.br](http://www.sincep.com.br)

Rocha, M. A. B. B. (2005) Transformações nas Práticas de Enterramento – Cuiabá, 1850-1889. Mato Grosso: Central de Texto.

Site sobre viagens Resgatado em: maio de 2014 de <http://www.nosnomundo.com.br>

Site sobre viagens Resgatado em: maio de 2014 de <http://www.360meridianos.com>

Site sobre viagens Resgatado em: maio de 2014 de <http://www.revistadeviagem.net>,

Valladares, C. do P. (1971) Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura / Departamento de Imprensa Nacional.

Vissiére, S. F. Os animados cemitérios medievais. Resgatado em: 18, julho de 2013 de <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os\\_animados\\_cemiterios\\_medievais.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais.html)>.

Vovelle, M. (1997) Imagens e Imaginários na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Editora Ática.